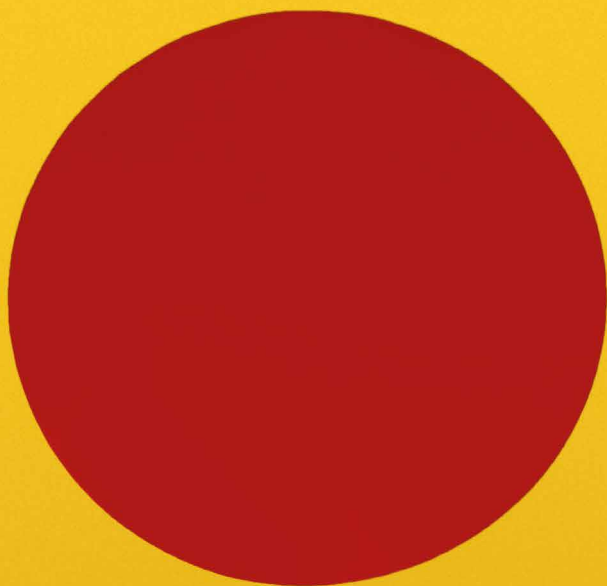




A QUARTA GERAÇÃO CONSTRUTIVA

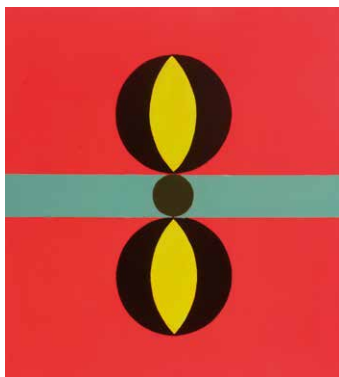
 FGV ARTE

FGV e a arte

A Fundação Getúlio Vargas, compreendendo a centralidade da arte como vetor indispensável para a construção de um país mais desenvolvido, vem incentivando a expansão do campo das artes no Brasil. Um dos marcos inaugurais, nesse sentido, refere-se ao primeiro curso de artes gráficas do país, realizado em 1946, apenas dois anos após a criação da FGV. Intitulado “Curso de Desenho de Propaganda e de Artes Gráficas”, sua implementação visava a melhoria da qualidade dos impressos brasileiros, formando artistas que pudessem comportar a crescente demanda de projetos em revistas, jornais e livros.

Sob orientação de professores renomados como Tomás Santa Rosa, Axel Leskoschek e Carlos Oswald, o curso de 1946, em horário integral, proporcionou a formação adequada a artistas gráficos e plásticos a partir de três eixos centrais: Desenho Aplicado às Artes Gráficas, Elementos de História da Arte e das Artes Gráficas e Técnicas de Publicidade. Entre os alunos egressos do curso, podemos citar Almir Mavignier, Danúbio Gonçalves, Décio Vieira, Fayga Ostrower, Misabel Pedrosa e Renina Katz, que, contribuindo em maior ou menor grau, consolidaram o campo, ainda incipiente na época, da gravura artística no Brasil.

A FGV, seguindo ainda os preceitos constitucionais de 1988, que ressaltavam a promoção do desenvolvimento cultural e a defesa e valorização do patrimônio artístico nacional, vem, a partir do século XXI, publicando uma série de obras sobre a história da arte visual brasileira. Buscando preencher lacunas, foram lançados, nos últimos anos, obras destinadas à compreensão da arte no país, como *Móvel brasileiro* (volumes *Moderno* e *Contemporâneo*), *Galeria de artistas*, *Arte e Mercado no Brasil*, *Décio Vieira* e *Rio XXI – vertentes contemporâneas*.



Heberth Sobral

Ações I.P.O. 4, 2021

Acrílica sobre madeira, 42 x 38 cm

A exposição em cartaz, *A Quarta Geração Construtiva no Rio de Janeiro*, por sua vez, primeira da FGV Arte – espaço artístico multidisciplinar dedicado a debates contemporâneos em torno da arte –, é fruto de extensa pesquisa de Paulo Herkenhoff, que buscou pensar a relação do Rio de Janeiro com a arte resgatando o legado cultural da cidade. Como defendido por ele: “a arte do Rio foi entendida como aquela produzida na cidade ou sobre ela; por artistas cariocas de nascimento, onde quer que atuassem; por cariocas de adoção ou visitantes”.

Buscando promover uma maior interação com a contemporaneidade, a Fundação Getulio Vargas se orgulha de continuar incentivando, ao longo de sua história, o diálogo com setores mais criativos e diversos, perspectiva indispensável para uma reflexão crítica, experimental e livre.

Carlos Ivan Simonsen Leal

Presidente da Fundação Getulio Vargas

A alegria e a ira de criar – a quarta geração construtiva

"Contemporâneo é o direito de sonhar."

Guilherme Santos da Silva

O crítico Mario Pedrosa e a artista Lygia Pape projetaram, em 1978, a mostra *Alegria de viver, alegria de criar* sobre a vontade simbólica indígena. Décadas depois, a quarta geração construtiva carioca vive antiteticamente a alegria de produzir arte ou a ira ao criar. Denomina-se aqui “quarta geração construtiva” aqueles artistas que, no século XXI, produziram o que Hélio Oiticica chamou “vontade construtiva”, que caracterizava a arte brasileira na década de 1960.

Esse grupo de artistas se utiliza de meios de expressão variados: dos mais “tradicionais” (desenho, pintura, gravura e escultura, incluindo a fotografia, a performance e a videoarte), aos contemporâneos (como gif num telefone celular e impressões inkjet) e aos inesperados, como rotores elétricos, crochê e outros. No campo expandido da vontade construtiva, o inconsciente matemático se revela pelo uso da filosofia moderna do Número (como o zero e o infinito), dos dados estatísticos (como os da pobreza), das ambiguidades formais, da geometria virtual, das formas inusitadas de desenhar geometricamente (como alguns círculos e esferas), da desconstrução e redesenho de estruturas, da expansão dos suportes (como barcos), da serialidade e nas linhas melódicas da forma, da diferença e repetição deleuziana.

São muitos os vieses da quarta geração construtiva nesta mostra inaugural do espaço FGV Arte. Cabe compreendê-los para além das aparências



Adrianna eu

Perto demais, 2013

Óculos antigos e linhas de costura

geométricas formais e explorar outras possibilidades de pensar construtivamente. Enumeram-se alguns posicionamentos na pluralidade: **(1)** a reiteração da intempestividade nietzscheana ou renitência da arte geométrica; **(2)** a fenomenologia e outras questões filosóficas; **(3)** como no neoconcretismo, o artista construtivo pode ser um *animal symbolicus*, como afirmou Cassirer; **(4)** a ironia; **(5)** as dimensões arquitetônicas; **(6)** a crítica ou o elogio a movimentos e a hegemonias na história da arte, como o neoconcretismo e o minimalismo; **(7)** o design moderno; **(8)** a ação na repetição no espaço público, como o grafite geométrico; **(9)** o humor, como no caso de peças do design moderno reinterpretado; **(10)** a denotação do fator trabalho na arte; **(11)** a crítica do capitalismo, como no caso da bolsa de valores e da especulação imobiliária; **(12)** a diversidade da formação estética do autodidatismo ao doutorado; **(13)** a alegria da cor ou a arte como ação de vendedores de alegria; **(14)** a decolonização e o racismo endêmico; **(15)** a multiplicidade dos assuntos de gênero; **(16)** a visibilização na história da arte da cultura indígena; **(17)** a ecologia; **(18)** o apego às comunidades de origem e o elogio do vernáculo e dos padrões estéticos nos subúrbios; **(19)** a persistência resiliente do pensamento matemático; **(20)** o simulacro e as buscas de “verdades” ou de fatos negativos deliberadamente ocultados no plano do poder; **(21)** a ira cívica que conduz a arte a ser um mecanismo de resistência contra os processos de exclusão social, o apagamento de corpos dissonantes e dos segmentos minorizados da sociedade, as fobias contra as diferenças, os genocídios, as milícias e as ações antidemocráticas e, enfim, todas as formas de manifestação de fascismo.

Paulo Herkenhoff

Curadoria e organização



Jefferson Medeiros

Sol do Sul, 2023

Colheres de pedreiro

“ Nasci em São Gonçalo. A partir desse lugar sociogeográfico que ocupo, aprendi a ver o mundo das tensões experimentadas pelos trabalhadores. Assim, pensar as relações de trabalho e a condição de quem trabalha são minhas urgências. O Sol do Sul do mundo queima mais forte, sobretudo nas costas de quem, encurvado, vira a massa para erguer o abrigo.”

Jefferson Medeiros

“ Meu foco é o embate vida urbana versus natureza. A geometria distorcida, deslocada e desconstruída protagoniza minha pintura. Reparo no improvisado popular, na arquitetura precária. Os Deslocamentos nascem de ‘um desalinhamento harmônico’, em que a geometria minimalista, por vias improváveis, acha seu encaixe e equilíbrio na moldura desconstruída.”

Antonio Bokel



Antonio Bokel

Deslocamentos, 2023

Acrílica sobre madeira

193 x 126 cm

“ Sempre fotografei protestos e movimentos sociais, sobretudo da esquerda. O Brasil caiu em sombras em 2018, mas não parei de agenciar a fotografia como arma de resistência. No ato de reinstalação da placa Marielle Franco na Cinelândia, fotografei um grupo de pessoas que se organizavam para formar o nome MARIELLE como presença moral e viva da vereadora martirizada.”

Francisco Proner

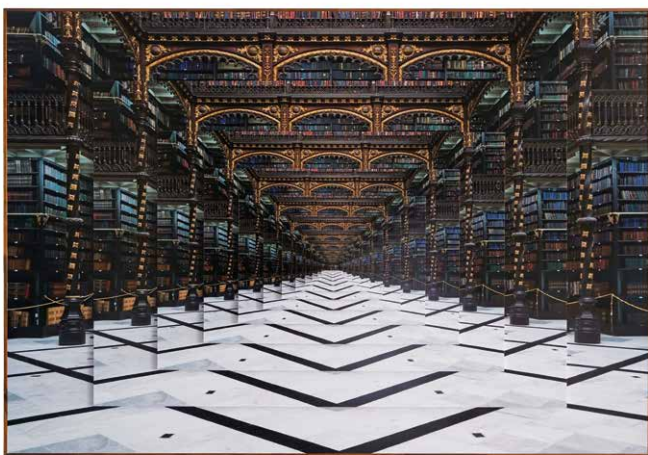


Francisco Proner

Manifestantes levantam placas
em homenagem a Marielle Franco,
no centro do Rio de Janeiro, 2018
Fotografia

“ Privilegio questões espaciais – da transitoriedade do corpo ao tema da tridimensionalidade. Subverto perspectivas – ao trazer o fundo da imagem para frente, levo a experiências vertiginosas. Cada camada de imagem, como no Real Gabinete Português de Leitura, alinha-se ao tempo e, percorrida pelo olhar, leva à quarta dimensão.”

Deborah Engel

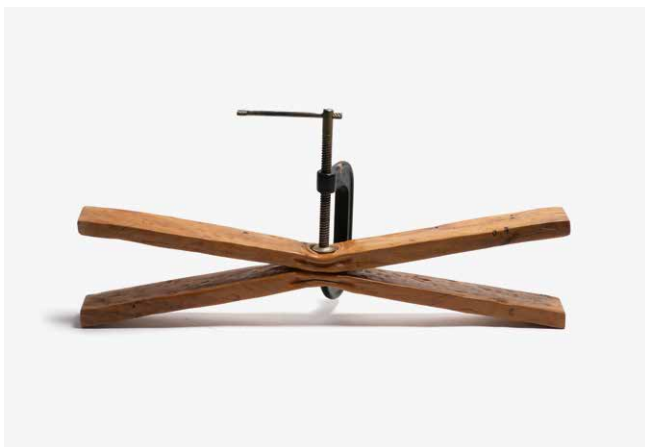


Deborah Engel

Gabinete, 2022

Colagem de 12 impressões fotográficas em jato de tinta sobre papel Hahnemühle Photo Luster 260g adesivadas em PVC, 83 x 120 x 12 cm

Cortesia Portas Vilaseca Galeria



Marcelo Monteiro

Da série *Sob pressão*, 2019

Madeira e metal, 29 x 47 x 10 cm

Coleção particular, Rio de Janeiro

Foto Andrea Marques



“As Baladas surgiram quando balas perdidas atingiram meu ateliê na Zona Norte do Rio, deixando marcas, sustos, medo até se tornarem uma banalidade com a qual aprendi a me acostumar. Essa indiferença provocou em mim algo que só consegui expurgar nas pinturas que tratavam justamente da fragilidade de nossas vidas.”

Oswaldo Carvalho

“ Reflito sobre o homo faber no contexto das relações de poder no mundo do trabalho operário. Meus materiais são madeira e aço. Meu objetivo é subverter as supostas funcionalidades de ferramentas manipuladas na indústria para infundir ilusão perceptual. Simulo tensões inexistentes numa relação política e poética entre conteúdo, forma e processo de fazer.”

Marcelo Monteiro



Osvaldo Carvalho

Balada #52 e #51

Acrílica sobre papel e bola perdida,
46 x 64 cm cada



Heberth Sobral

Ações I.P.O. 4, 2021

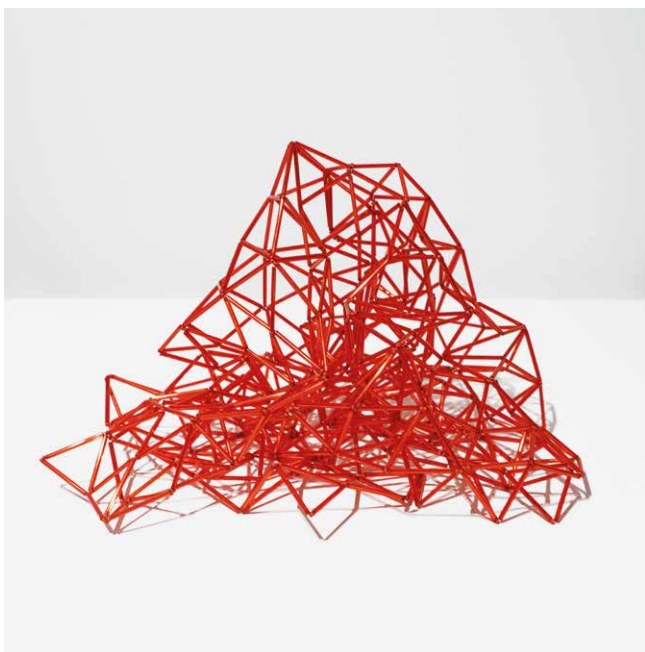
Acrílica sobre madeira

42 x 38 cm cada

Maria Mazzillo

Trama no. 7 - Bichinho vermelho, 2020

Fio de náilon, canutilho e miçanga





“ Remeto-me à Bauhaus, ao construtivismo russo, à arte africana, à obra de Rubem Valentim e ao brinquedo Playmobil. Com Stocks recrio a estrutura da bolsa de valores (as séries I.P.O., cada uma com 100 peças que representam a unidade-padrão de negociação, o lote redondo). O foco no sistema de ações realça a similitude entre mercado da arte e mundo financeiro.”

Heberth Sobral

“ Meu trabalho revela forte influência exercida pelos artistas que integraram o movimento de arte concreta nos anos 1950 no Brasil, entre eles, meu pai, o pintor João José Costa, e os artistas ligados à cultura popular do Bumba-meu-boi do Maranhão, onde realizo pesquisa continuada desde os anos 2000.”

Maria Mazzillo



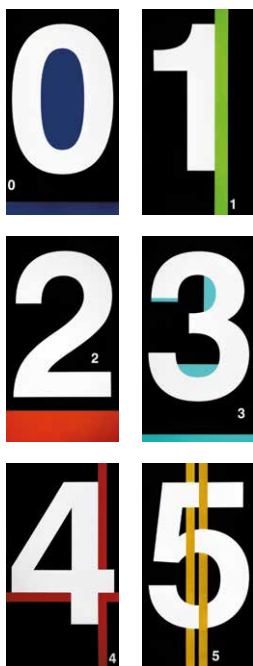
Michel Groisman

Transferência, (1999-2001)

Obra espaço-temporal

“ Meu corpo é indissociável na performance Transferência, que se desvela no espaço como escultura no tempo. As posturas do corpo são passagens ao longo de sua rotação no espaço. A chama passa de uma vela à outra por meio de um sistema de dutos e velas acoplados no corpo. Cada chama se apaga por um sopro imediatamente após sua transferência. Ao final, meu corpo fez um círculo. ”

Michel Groisman



“O meu campo imaginário sempre me leva para a cor, lugar indicado para eu me expressar; minhas imagens mentais acabam por se materializar, em sua maior parte, em variações cromáticas beirando a ausência da forma. O numeral, a palavra e os demais símbolos se incorporam à obra posteriormente.”

Marcelo Catalano

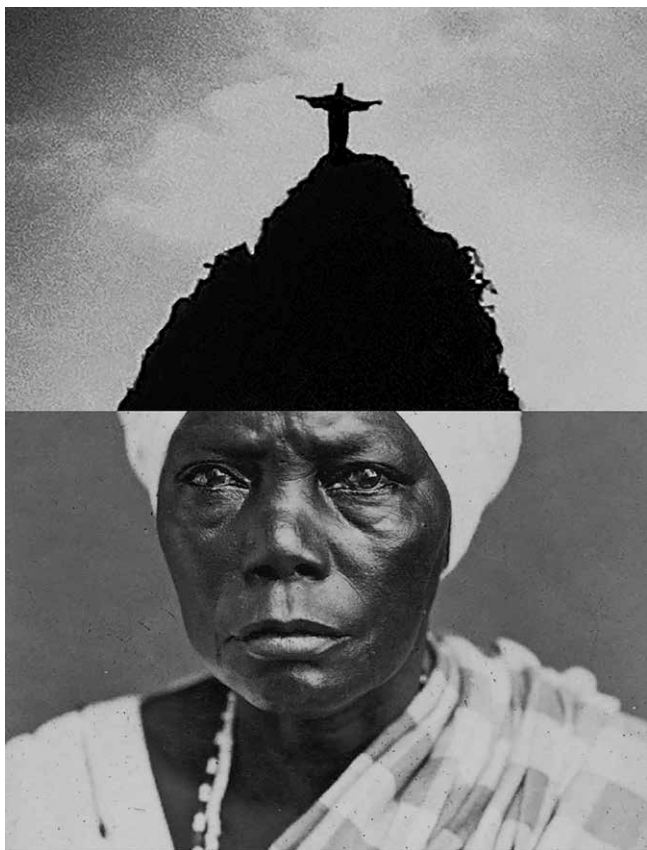
Do zero ao nove, 2014

Serigrafia sobre papel,

49 x 34 cm cada

Edição Gravuras no Brasil

Marcelo Catalano



Joelington Rios

O que sustenta o Rio – Maria, 2019

Fotomontagem

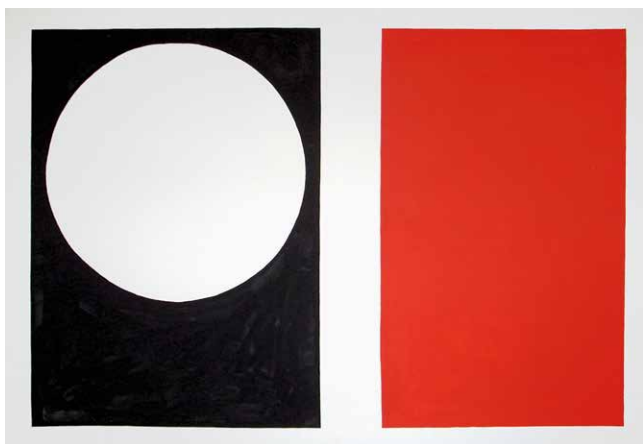
“ Nasci no quilombo Jamary dos Pretos. O que sustenta o Rio narra minha migração do Maranhão para o Rio – meu corpo-espaco transitou do imaginário ao ideal e ao concreto da chegada. As tentativas de encaixe desse corpo-imagem no contexto carioca se sustentou na autorreflexão e personificação da identidade sob o peso e as cruzes da grande metrópole.”

Joelington Rios



“ Trabalho no contexto público da comunicação. Faço pinturas-alegorias de processos culturais como O triunfo do projeto construtivo brasileiro. Ali, pinto configurações apropriadas de antigas caixas de fósforos bastante conhecidas, tecendo vínculos com o pensamento moderno propagado no design e na arquitetura brasileira na metade do século XX.”

Alexandre Vogler



Alexandre Vogler

O triunfo do projeto construtivo brasileiro, 2009-2012

Guache sobre papel

60 x 90 cm cada

Denilson Baniwa

Metrô-Pamur-Mahsã (Cobra-Canoa-da-Gente-Metrôpolitana), 2019

Infogravura

70 x 70 cm

“Nasci na praia de Sepetiba, Rio de Janeiro, de frente para a Iemanjá. Meu trabalho entrelaça escrita, poesia, pintura, vídeo, som e escultura. Iniciei minha carreira no muralismo, utilizando registros documentais de minha realidade para comunicar e criar novas percepções e narrativas periféricas dentro da arte contemporânea.”

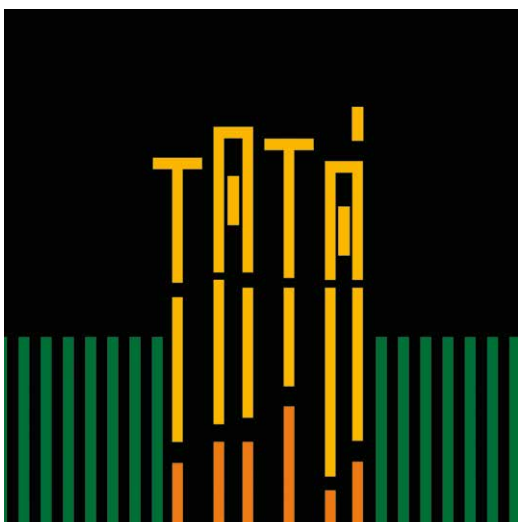
Lucas Ururahy

Lucas Ururahy

Tocando o barco, 2023

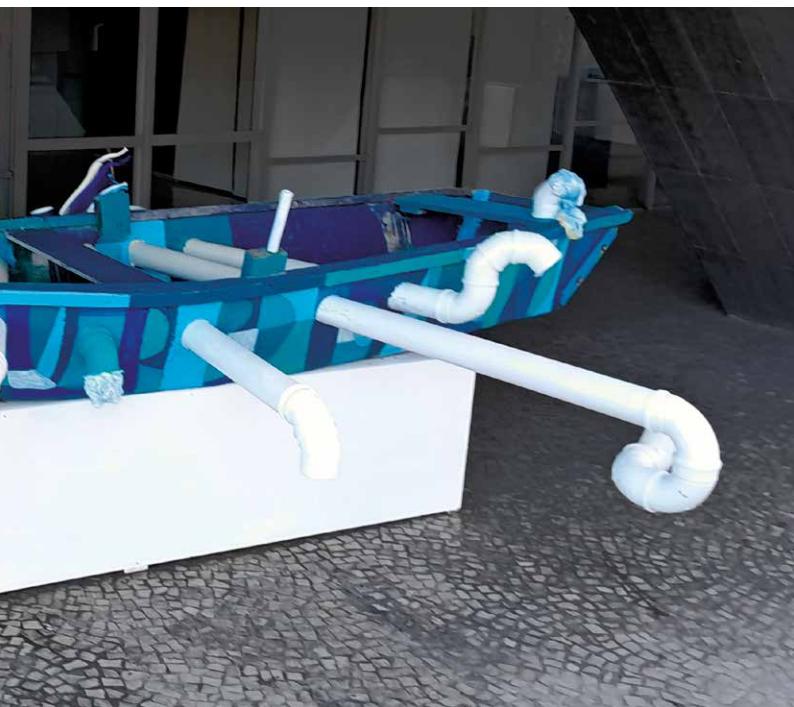
Intervenção sonora sobre Caico
da Baía de Sepetiba e canos de PVC





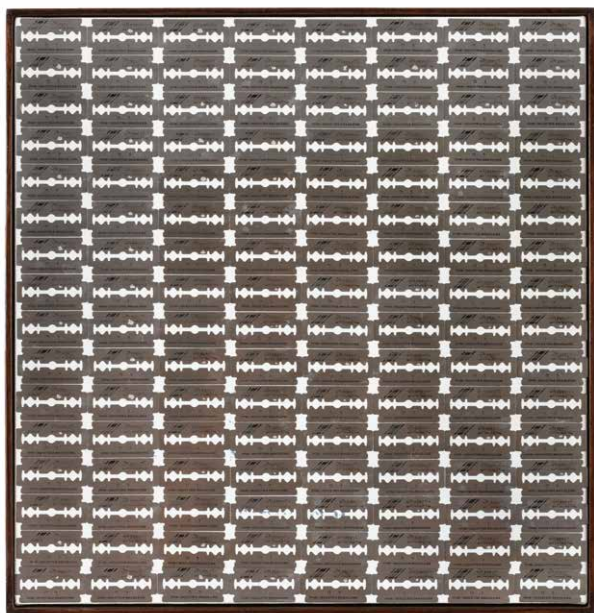
“ Sou amazônida de origem no povo Baniwa. Trabalho os aparecimentos e desaparecimentos de indígenas na história oficial do Brasil, simultaneamente busco as cosmologias dos povos originários e suas representações simbólicas para compartilhar conhecimentos ancestrais e criar um banco de dados para a salvaguarda de tais cosmologias.”

Denilson Baniwa



“ Sou suburbano. Nasci na comunidade das 5 Bocas em Brás de Pina, onde ainda moro, pois ali encontro o diálogo e as referências básicas para minha arte, como a cultura da ostentação (Muita luta), a presença ostensiva de armas (a série Traficando arte) e a autoestima da juventude, com o corte de cabelo reflexo alinhado.”

Allan Weber



Allan Weber

Régua, da série *Traficando arte*, 2022

Lâmina de corte sobre tela

36,5 x 35,5 x 2,5 cm

Cortesia Galatea



Marcelo Conceição

Sem título, 2022

Vergalhão de ferro, madeira e
varetas de bambu, 52 x 52 x 19 cm

“Essa palavra artista para mim era muito dura. Fui morador de rua, garimpei no lixo. Uma vez, encontrei um caixote de alho jogado na rua em Copacabana. Eu o desmontei e montei outra coisa. Parecia que esse caixote estava me agredindo, mas ali eu ganhei uma luz. Daí, eu montei torres, pontes, casas e outras coisas; tudo saía da minha própria fantasia.”

Marcelo Conceição

“ Eu pinto e bordo, ou melhor, tricoto. Minha vontade construtiva na obra exibida na FGV articula mandalas, que justapõem o sacro e a razão matemática. Para mim, tricotar é um devaneio espaço-temporal em que o corpo introjeta uma mecânica do número sob rígida disciplina para chegar à harmoniosa forma poética objetivada.”

Carolina Ponte



Carolina Ponte

Sem título, 2013

Crochê e tricô, 130 x 180 x 20 cm

Coleção Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro / Doação Anna Maria Reis



“Nasci no Rio de Janeiro e vivo entre Salvador e Rio de Janeiro. Minha pesquisa se realiza por meio de desenhos, pinturas e esculturas que desafiam o campo tridimensional com sua morfologia, seus volumes, seus planos, sua opacidade e sua estrutura. Meu corpus estético é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos.”

Andrea Brown



Andrea Brown

Carla - 90 x 77 x 43 cm

Madeira e palha indiana, 2011



Heleno Bernardi

Ninho ovo bicho, 2022

Carimbo com tinta acrílica sobre

tecido de algodão, 64 x 48 cm

Edição de 12 + 3 P.A.s

“ Em Ninho Ovo Bicho, reúno três palavras que são títulos de Hélio Oiticica (um ambiente), Lygia Pape (uma performance) e Lygia Clark (uma escultura), em uma associação inédita que sintetiza o neoconcretismo do Rio de Janeiro. Esta justaposição é um tributo e sugere um ciclo contínuo de vida por meio das sucessivas carimbadas com que homenageio o quadrado vermelho.”

Heleno Bernardi

“ Se a arte construtiva fosse travesti, como ela seria? Com corte e dobra, abordo o genocídio de corpos oblíquos no país. Revisito o neoconcretismo e denoto a não representação nele de meu corpo. Bixinha homenageia os Bichos de Lygia Clark: reitero o termo pejorativo ‘bixa’ que torna queer a abstração. Como mulher transexual, faço obras bélicas para ataque e defesa.”

Lyz Parayzo



Lyz Parayzo

Bixinha circular hexagonal, 2020

Alumínio, 30 x 30 x 30 cm

Cortesia Casa Triângulo



Adriana Maciel

Série *Rotores*, 2016-2018

Objetos motorizados, acrílica sobre MDF,
motor e redutor de tensão

Dimensões variáveis

“ Mudei-me para o Rio em 1990. Minhas imagens simulam lugares, como vãos, frestas, aberturas, em diálogo com o espaço expositivo, no eixo realidade e imaginação. Apresento agora 15 Rotores, que são objetos circulares, com movimentos giratórios sobre seu próprio eixo. As imagens sugerem variações de cavidades ora côncavas, ora convexas. Por meio do movimento, amplia-se a volumetria, acentuando a ideia de entrada e saída. Alguns objetos sugerem formas orgânicas. Outros se assemelham a olhos, estabelecendo um jogo de ver e ser visto.”



“ Com miçangas se pode fazer muita coisa. Aprendi a trançá-las com meu neto Xavante. Fiz colares, pulseiras, braceletes, mas queria ir além. Então comecei a fazer trabalhos com letras, grafismos em outros tamanhos, em que a peça não é usada como adereço corporal.”

Júlia Otomorinhori'õ

Julia Otomorinhori'õ

Círculo Sagrado Feminino, 2020

Fio de náilon, linha de algodão trançada
e miçangas de vidro, 39 x 38 cm

“ A gravura possui uma linguagem própria que define como fazer estas camadas, como as camadas criam uma forma. A justaposição de impressões constrói as superfícies cromáticas, uma estrela, uma flor ou um motivo geométrico. A beleza, a natureza, o desfile de carnaval, a arte popular e o Rio de Janeiro me inspiram a ser uma artista.”

Beatriz Milhazes



Beatriz Milhazes

Flower Swing, 2019

Serigrafia e madeira de topo, 85,7 x 94 cm

Edição de 40

Impresso e publicado por Durham Press

Foto cortesia Durham Press



Miguel Afa

Homenagem à pipa, 2023

Óleo sobre madeira (políptico

de 36 partes), 180 x 180 cm

“ Sou carioca do Complexo do Alemão. O universo lúdico da pipa se fez presente na minha trajetória assim como a pintura. Esse trabalho faz referência direta à série Homenagem ao quadrado do artista Josef Albers. Nessas pinturas, proponho uma discussão sobre a cor, a disposição das pipas na casa do pipeiro e a forma peculiar do desenho geométrico delas.”

Miguel Afa



“ Gosto muito do espaço. Lido com a percepção, a experiência e o desenho no espaço. Uso materiais do universo da construção (como linha, prego, giz, tela etc.) para fazer escultura e instalação que se referem à vivência da arquitetura. Atuo nos descompassos entre a concretude das obras e a compreensão mental e visual, entre projeto e construção.”

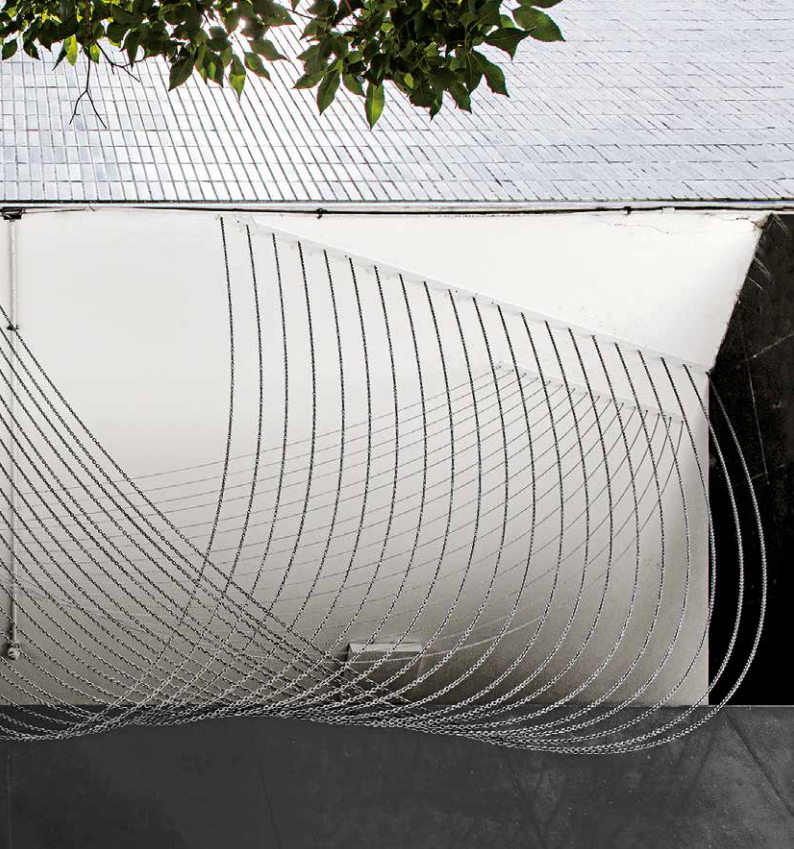
Amalia Giacomini

Amalia Giacomini

Desaprumo, 2021
Madeira e carpete
70 x 50 x 25 cm

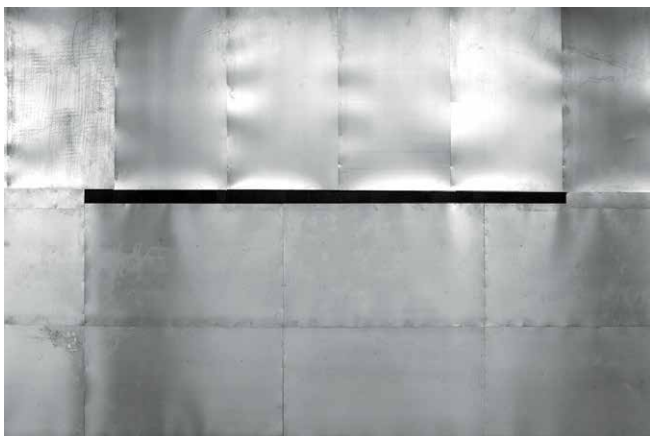
Bruno Veiga

*Paisagem
blindada*, 2013
Fotografia
67 x 100 cm



“ Junho de 2013: o Brasil em conflagração. Passeatas, violência e repressão nas ruas do Rio. Os tapumes nas fachadas de prédios são biombos contra o furor das ideias nas ruas. Os módulos de compensado justapostos expressam o temor e a criatividade individual, pois cada fachada exige uma solução própria na arquitetura improvisada do medo.”

Bruno Veiga





Antonio Ton

Pintura na quadra do Morro do

Adeus, Rio de Janeiro, 2023

Foto Cochi Guimarães

Pintura para o Mirante Rocinha

Pé na Areia, São Conrado,

Rio de Janeiro, 2022

“Sou formado em Comunicação Visual e vivo e trabalho no Rio de Janeiro. Investigo diferentes técnicas, linguagens e suportes a partir de suas experiências entre cidade, natureza e espiritualidade. Telas, muros e quadras esportivas, entre outras superfícies, abrigam geometrias, simetrias e resultantes formais.”

Antonio Ton



“ As tintas chamadas de ‘cor de pele’, tanto no Brasil quanto no exterior, eram sempre de uma cor rosada ou bege. Cheguei a começar uma coleção de tintas ‘cor de pele’ de várias nacionalidades para ver se encontrava alguma variedade. Passados uns anos, eu soube de uma pesquisa que tinha sido feita pelo Censo brasileiro em



1976 na qual as pessoas podiam autodeclarar sua cor de forma livre, o que gerou uma lista com 136 nomes ou definições de cor. Então, a partir de todas essas percepções, criei essa marca fictícia de tintas a óleo chamada Polvo. Vi nesse projeto a possibilidade de representar, de forma um pouco mais ampla, a imensa diversidade de tons de pele que temos de fato. ”

Adriana Varejão

Big Color Wheel V, 2018

Óleo sobre tela, ø180 cm

Coleção do artista

“ Com formação em música, elaboro meu trabalho a partir de um cruzamento das linguagens sonora, visual e textual. Busco um território híbrido entre a materialidade e a sonoridade em instalações que se relacionam intrinsecamente com a arquitetura e os contextos dos ambientes em que são montadas. Componentes e dispositivos sonoros, entre objetos e materiais diversos, são usados plasticamente em um jogo de forma e função que ativa narrativas imaginárias no espaço e nas paisagens sonoras temporárias.”

Paulo Vivacqua



Paulo Vivacqua

Mecânica dos fluidos #2, 2014

Espelho, vidros, alto-falantes, fios e luz

150 x 150 x 40 cm



Adrianna eu

Me volto a mim, 2018

Agulha de latão com banho de cromo,
Ø65 cm

Coleção Museu Nacional de Belas Artes

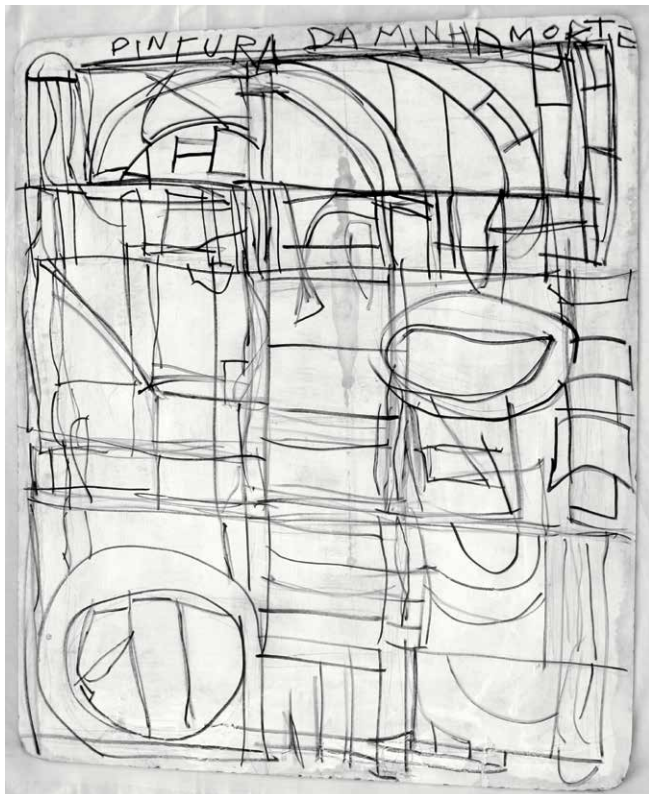
Doação da artista

“ Adrianna eu é um nome-obra que carrega consigo um pronome que tem a intenção de provocar no outro um estranhamento, mas também afirmar um ‘eu’ que surge no encontro. Muitas vezes, utilizo a linha, o corte e a costura para falar de relações de afeto. Meu trabalho fala de dor, desejo, medo, solidão, amor... Tudo o que é humano me interessa profundamente. ”

Adrianna eu

“ Nasci João e cresci Mulambö na praia da Vila, em Saquarema, Rio de Janeiro. Em minhas obras, utilizo símbolos e materiais do dia a dia na busca por uma refundação das narrativas que cercam as manifestações do povo: o futebol, o carnaval, a minha família e as histórias que construíram o chão onde vivo emergem em meus trabalhos, por meio de pinturas, objetos, bandeiras e instalações, reforçando a ideia de que faço arte para afirmar que ‘não tem museu no mundo como a casa da nossa vó’. ”

Mulambö





Mulambö

Bandeira Mulamba

Impressão sobre tecido Oxford, 2019

70 x 100 cm

Tantão

Pintura da minha morte, 2022

Acrílica sobre tela, 140 x 120 cm

Coleção Museu Nacional de Belas Artes

Doação do artista

“ Trabalhei num estaleiro. Tirei o conceito de abstração desta experiência. Aquelas provas heliográficas, cheias de sinais, eram uma doideira difícil de entender. E, na música, sempre curti o barulho, o noise, na fronteira do experimental. Trago algo dessa mistura como em A Pintura da minha morte, uma malha maluca que aponta para nossa vida tão passageira.”

Tantão



Élle de Bernardini

Gametas, 2023

Papel do Nepal, aquarela
e nanquim sobre papel dourado,
52,5 x 78,5 cm

Foto Rafael Salim

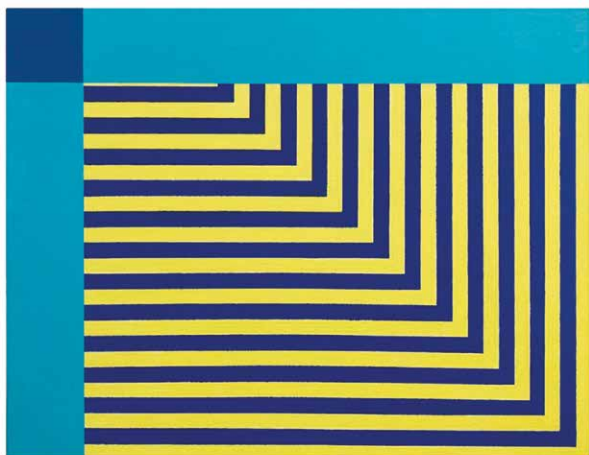
Cortesia Portas Vilaseca Galeria

“ Gametas é uma obra que representa o processo de formação do embrião pelo encontro do espermatozoide com o óvulo que aparece representado em azul e rosa. Mal o embrião se forma nos primeiros 15 dias de gestação e a medicina já pode identificar o sexo e por conseguinte determinar o gênero, e assim o faz.”

Élle de Bernardini

**“ Desde O Nascimento Alguém
Lia Diários, Justamente Um Dado
Definidor. Exatamente Ligado
Lembrando Sempre Wapixana Onde
Raro Tatu Hoje Karioka Entende Luz
Lua Yara. Jogo Orbital Ancestral
Onisciente Justo Oceânico Sereno
Empático Dadivoso Algures Cardinal
Oposto Sutil Translado Acordado.
Radical Último Belo Esmerado
Molecular Lateral Ubíquo Domínio
Oclusivo Lacustre Fascínio.
Decisivo Elemento Cativante
Inequívoco Orgânico Virtuoso
Imenso Esplêndido Imagético
Reverso Alquímico. Prístino
Emblemático Térmico Errático
Revelador Humano Abstrato
Lúdico Libertário Estranho Ybirá.”**

Bob N



Bob N

ECT-bis, 2024

Acrílica sobre tela, 80 x 100 cm



“ Sou um dramaturgo que faz arte contemporânea. Na série Altos-Túmulos inscrevo na pedra trilhos que conectam os planetas das minhas dimensões ficcionais. Movo a arte por problemas dos sistemas de poder, relações de opressão, resgates histórico-subjetivos, fabulação crítica e realidades fantásticas. Minhas Cenas Pretofágicas têm o Teatro Experimental do Negro e a ficção científica negra como inspirações estético-políticas.”

Yhuri Cruz

“ Vejo o corpo sob outra ótica de humanidade; o corpo material dos objetos integrados a questões da natureza, da geometria, da simbologia Adinkra (símbolos do povo Ashanti) e das fabulações que buscam a eclosão da racialidade. Essas questões eclodem nos lemas de bandeiras: ATRAVECAR ESCURECER e NEGROREFERENCIAR A REALIDADE – PRESENTIFICAR O IMPOSSÍVEL.”

Guilhermina Augusti

Guilhermina Augusti

Atravecar escurecer

Bandeira, 2022

Tecido, 100 x 75 cm



Yhuri Cruz

VII, da série *Altos-Túmulos*, 2023

Pintura sobre granito



Joey Seiler

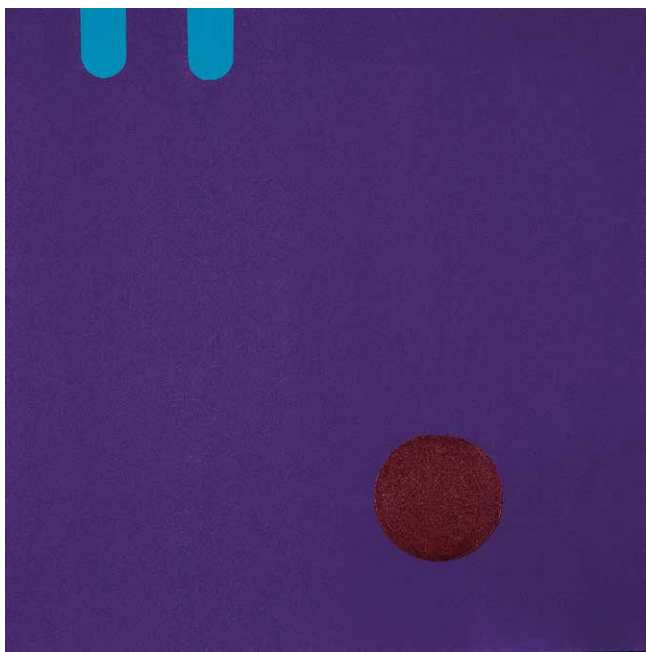
Sem título, 2021
40 canetas de cada cor
sobre papel de aquarela,
140 x 104 cm cada
Coleção particular

“ A obra é feita de 80 canetas Bic, 40 azuis e 40 verdes, rabiscadas uma a uma, linha por linha, até saturar o papel com a tinta. Um processo que leva em torno de 10 dias, alternando entre momentos meditativos e momentos de puro tédio. ”

Joey Seiler

“ Sou um baiano carioca, pois moro no Rio há muito tempo. Sou grafiteiro e pintor. Na série Permutações cromáticas (2023), lanço a alegria de combinações inesperadas. Sob a entonação cantante dessas cores, existe uma referência erudita ao círculo cromático de Chevreul, a bíblia de várias gerações de artistas. Gosto de pensar o pintor como Vendedor de Alegria.”

Toz



Toz

Sem título, da série *Gravidade zero*

Técnica mista sobre tela

100 x 100 cm

“Nasci em Senador Camará, minha fonte de referências simbólicas. Valorizo a criatividade popular e as formas e cores da periferia do Rio. Meus Baluartes e minhas Barricadas aludem a territórios em conflito – me apropriando das formas originais delas, mas as novas cores desmontam sua função bélica. Inscritas no espaço expositivo, as Barricadas demarcam esteticamente os territórios da arte.”

Tainan Cabral



Tainan Cabral

Baluarte, 2023

Pneu, spray, planta

150 x 60 cm



“ Nasci em Teresina; mudei-me para o Rio em 2020. Meu projeto aborda minha vivência de mulher negra. Meu foco é a simbologia Adinkra para criar novos caminhos para entender o presente-futuro. Os adinkras são símbolos do povo Ashanti da África. Com os adinkras penso o passado diaspórico e a resistência de meus ancestrais. ”

Luna Bastos

Luna Bastos
Milágrimas, 2021
Madeira e alumínio
60 x 60 cm



Marccone Moreira

Negros, 2015

Madeira de carroceria, 66 x 67 cm

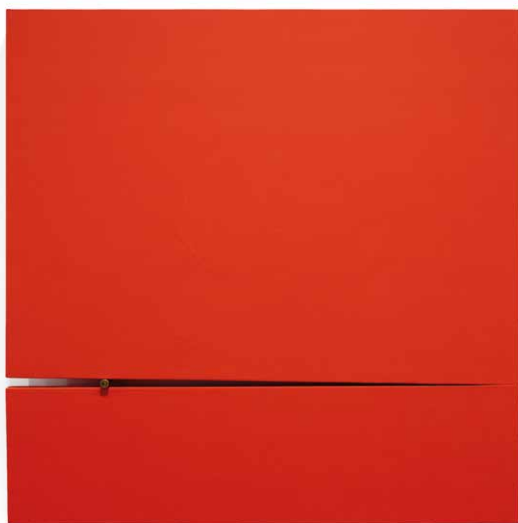
Coleção Maria e Luis Luiz Chrysostomo de Oliveira

“Nasci no Maranhão e morei no Rio de 2012 a 2017. Eu lido com os significados culturais dos objetos de trabalhos tradicionais já bem usados, sobretudo da Amazônia, como o madeirame dos barcos e a madeira de quebrar a noz da castanha do Pará. Interesso-me pela troca simbólica de materiais, do seu valor prático para o valor simbólico da arte.”

Marccone Moreira

“Joguei na seleção sub-18. Deixei o futebol pela arte. Meus Esquemas incorporam sinais da violência policial: as faixas vermelhas, que seriam paralelas, foram deslocadas, porque inseri cápsulas deflagradas pela milícia nas favelas. Os Esquemas aludem aos Metaesquemas de Oiticica, que denunciou a necropolítica policial. Exilei-me em Berlim após ameaças de morte por milicianos.”

Igor Vidor



Igor Vidor

Esquemas, 2018

Madeira e cápsulas 12/762,

57 x 55 cm

Coleção particular



Daniel Murgel

Impermeável, 2022

Terra, mangueiras de borracha, concreto
e planta (espada de São Jorge)

50 x 50 x 50 cm

“ De família de imigrantes lituanos, o meu interesse em trabalhar com arte está onde é possível detectar no ‘entre’ culturas, como a abstração e a figuração, o real e a imitação, a dissimulação e a verdade. Atuo em vários campos da arte que ora sobrepõem elementos por vezes antagônicos e fraturados, ora apontam sua própria permutabilidade. ”

David Magila



“ A arquitetura é afetiva para mim – meu pai era arquiteto, ele me levava aos canteiros de obra. As gambiarras, a arquitetura rudimentar e o mobiliário de improviso são minha lente para observar o cotidiano das cidades. O projeto Impermeável surgiu quando, em Belém, vi um canteiro de amendoeira azulejado, mas com um ralo para hidratar as raízes da árvore. ”

Daniel Murgel

David Magila

Tudo parece o que é, 2023

Intervenção sobre muro





Pedro Victor Brandão

Sem título #46 (*Vendas anuais em 5 setores, Global, 2023, estimativa*), da série *Totalidades*, 2023

Acrílica, nanquim e verniz sobre tela, 30 x 30 cm

Coleção Fernando Marques de Oliveira

“Tenho muitos trabalhos em que a ideia de um projeto econômico está presente, aproximando arte e finanças. A série Totalidades é uma dessas incursões em que os campos de cor em pinturas abstratas são informados por dados que avaliam o estágio atual do capitalismo, frequentemente pontuado por situações de desigualdade.”

Pedro Victor Brandão



Guilherme Santos da Silva

Margem n. 1, 2023

Óleo sobre tela, 78 x 58 cm

Foto Rafael Salim

“Coleciono coisas descartadas. Manipulo tudo na minha obra até parecer colchas de retalhos, isto é, uma malha geométrica em expansão e contração entre encaixes e desencaixes. Nada deve faltar ou sobrar nessa geometria errante. Meus trabalhos enganam os olhos, abrem espaços para a imaginação, para delírios e para construções de novos mundos.”

Marcelo Macedo



Marcelo Macedo

Miração de encontro, 2019

Acrílica sobre madeira

35 x 26 cm

“Batalho nas margens culturais, nas memórias de minha família de migrantes paraibanos que vieram para o Rio nos anos 1950. Formas e cores definem o estado de espírito e o tempo em minha pintura. Minha obra envolve minha biografia em diálogo com afetos e questionamentos políticos sobre as questões de classe e de pertencimento de diversas camadas sociais no Rio.”

Guilherme Santos da Silva

“ O Bicho é a pintura com duas perninhas caminhando pelo mundo-ateliê – avançando pela expansão da pintura. O Bicho é pintura fogo-fátuo quando se apresenta; é teatro, cinema, televisão, videoarte, metaverso; o fato é que é ateliê prêt-à-porter, caixeiro-viajante, arte em trânsito, pintura de viagem. As sombrinhas são pixels estranhos ao lugar, pigmentos luminosos, figuram frutos e flores de luz... Profetizam outro mundo, mundo novo, possibilidade entre-mundos. ”

Delson Uchôa





Delson Uchôa

Série *Bicho da Seda*, 2012

Fotografia

**“ A Fábrica de Ratoeiras
Concorde faz o rudimentar
controle de pragas como avião
supersônico. Mesmo que obsoletas,
exemplificam o engenho humano.
As ratoeiras são da sobrevivência
pedestre; naves de sonhos
demiurgos antigravitacionais.
Diagramas matemáticos de
distorção do espaço dialogam
com pinceladas abstratas no
convívio entre ordem e caos.”**

Cadu

Cadu

Fábrica de Ratoeiras Concorde 4, 2019

Óleo sobre papel, 200 x 152 cm



Ismael Monticelli

Colírios. 2014

Impressão sobre papel

“ Meu foco é a relação entre ficção, arte e história. Trabalho narrativas existentes para repensá-las via facetas de difícil percepção. Baseadas na obra de pensadores (como Merleau-Ponty, Milton Santos e Irmãos Guimarães) que foram fundamentais para minha formação, as bulas dos meus Colírios recomendam ações que atinjam objetivos abstratos. ”

Ismael Monticelli



Thiago Ortiz
EU-EXU, 2018
Arquivo gif, 1"



“Cria da Zona Norte do Rio, sou um òyàwó (iniciado para orixá). Meu trabalho vive a cosmopercepção do terreiro, no exercício da micropolítica ancestral, sendo Exu o fundamento epistemológico, e o terreiro um campo de conceitos. Fazer o mundo espiralado para a ancestralidade, desejando outras formas de ser, estar, permanecer. A arte é o meu ebó para o mundo.”

Thiago Ortiz

“Mesa à maneira de Aluísio Carvão explora os limites e as potencialidades de momentos históricos e de seus ‘fracassos’ e ‘conquistas’. A pintura se assemelha a um objeto utilitário, mas é paródia que homenageia o passado. Evoca com escárnio e eterniza a ‘geometria da esperança’.”

Alvaro Seixas

Alvaro Seixas

Mesa à maneira de Aluísio Carvão, 2013

Esmalte sintético sobre tela, estruturas de metal

100 x 100 x 48 cm

Foto Mario Grisolli

“Escolhi o Hospital Universitário (HU) da UFRJ para protagonizar uma investigação fotográfica. A série HU traz à tona um elemento-chave que caracteriza essa construção modernista: o insólito fato de ela ter sido ocupada apenas pela metade; sua outra parte já nasceu ruína. Tal ‘simetria assimétrica’ é o cerne dessas imagens, desvelando este edifício corbusiano como um símbolo das questões, como o desperdício de recursos que perpassa as instituições públicas brasileiras.”

Joana Traub Csekö





Luiz Baltar

Série *Fluxos*, 2015

Fotografia

“Quantas cidades existem numa cidade? Quantas são atravessadas nos quase 59 km de asfalto da Avenida Brasil? O Rio é uma cidade de cidades misturadas, partidas ou sobrepostas? Quem cruza o Rio da Zona Norte, da Zona Oeste ao Centro e à Zona Sul, que filme vê da janela do ônibus? É o que indago com minha obra para provocar reflexões sobre a paisagem que passa.”

Luiz Baltar

Joana Traub Csekö

Série *HU – simetria*

assimétrica, 2008

Fotografia colorida, díptico,

50 x 75 cm e 60 x 180 cm

“ Somos uma dupla de designers chamada Lattoog, uma junção de nossos nomes. Um de nossos focos são móveis que buscam capturar o espírito dos bairros do Rio, de São Cristóvão à Barra da Tijuca. Como em Lattoog, nossa cadeira Temes reúne, no título e na forma, os designers modernos Joaquim Tenreiro e o casal Eames com seu tratamento sensual da madeira e com a forma arrojada. ”

Leonardo Lattavo e Pedro Moog



Leonardo Lattavo

Pedro Moog

Poltrona *Temes*, 2009

Laminado prensado, aço inox e palhinha,
101 x 141 x 72 cm

Coleção Museu Nacional de Belas Artes

Doação dos artistas



Andréa Hygino

Ensino superior, 2022

Madeira, 55 x 60 x 209 cm

Foto Estúdio em obra/
cortesia da Galeria

Superfície

Coleção Museu Nacional
de Belas Artes

Doação da artista

“ Meu foco memorial surge da escola criada por minha mãe em nossa casa. Saída de emergência integra uma cadeira escolar descartada, que é alterada para uma forma disfuncional, como minha crítica aos poderes públicos que não asseguram o direito constitucional de todos terem acesso à educação. Para mim, a educação nos empodera contra todo autoritarismo.”

Andréa Hygino

CURADORIA**Paulo Herkenhoff****DESIGN GRÁFICO****Fernando Leite****Isabella Lima****Marcela Pereira****Pio Drummond****EXPOGRAFIA****Gisele de Paula****PRODUÇÃO****Bruno Oliveira****EQUIPE DE PRODUÇÃO FGV****Blanche Marie Evin da Costa****Bruno Oliveira****Carlos Augusto Lopes da Costa****Danielle Ribeiro****Deise de Carvalho Santos****Elaine Cristina Pereira****Luana Bianchi de Moraes****Manuela Fantinato****Marcelo Possidônio****Nicolle Plaas Voss****Patrícia Borba Werner****Reinan Ramos****Silvia Finguerut****ASSESSORIA DE IMPRENSA****Meise Halabi****Vania Santos****MÍDIAS DIGITAIS****Dominique Valansi****REVISÃO****Elisabeth Lisovsky****Lia Mota****ORIENTADORES DE PÚBLICO****Angélica Yonghui Wenjun****Carlos Eduardo de Azevedo Silva****Georges Gonçalves****Henrique Policarpo****PRODUÇÃO EXECUTIVA****E MUSEOLOGIA****MM Museologia****e Projetos Culturais****Margareth de Moraes****Maurício Ennes****Irene Fialho****Rodrigo Mandarinó****CENOTECNIA****Vertigo Escritório de Produção****Bel Fernandes****Paula Maggi****ILUMINAÇÃO****Bruno Barreto****Maneco Quinderé e Associados****Julio Katona Projetos e Iluminação****EQUIPE DE MONTAGEM****Adão Santana****Alessander de Souza****Elias Joaquim****Jonathan da Silva****Juciara de Souza Paulino****Kazuhiro Bedim****Marcos Rodrigues****Moisés Barbosa****AGRADECIMENTOS****Aldeia Maracanã****Andrea Aloy****Casa Triângulo****Claudio Alberto N. França****Denise Milfont****Dircelene Arruda da Silva****Fernando Marques Oliveira****Galeria Cavalo****Galeria Galatea****Galeria Luciana Caravello****Galeria Movimento****Galeria Superfície****Jorge Mendes****Laura Dias Leite****Manuela Parrino****Márcia e Luiz Chrisostomo****Marcia Mello****Portas Vilaseca Galeria****Roberto Alban****Vigilantes do Grupo Vila Rio****e profissionais da Nova Rio**<https://portal.fgv.br/fgv-arte>arte@fgv.br[@fgv.arte](https://www.instagram.com/fgv.arte)**TERCEIRA EDIÇÃO****ISBN 978-65-86289-58-9****Foi feito o depósito legal****na Biblioteca Nacional.****11 set 2023 – 25 fev 2024****seg à sex | 10h às 20h****sab e dom | 10h às 18h****FGV Arte****Praia de Botafogo, 190****Rio de Janeiro, RJ****9 786586 289589**